



# O papel central da teoria na pesquisa qualitativa

## Resumo

Volume 17: 1-10

© The Author (s) 2018 Article Reuse Guidelines: [sagepub.com/journalsPermissions](http://sagepub.com/journalsPermissions) DOI: 10.1177 /

1609406918797475

[journals.sagepub.com/home/ijq](http://journals.sagepub.com/home/ijq)

Christopher S. Collins <sup>1</sup> e Carrie M. Stockton <sup>1</sup>

O uso da teoria na ciência é um debate contínuo na produção de conhecimento. Em relação aos métodos de pesquisa qualitativa, uma variedade de abordagens foi apresentada na literatura usando os termos estrutura conceitual, estrutura teórica, paradigma e epistemologia. Embora essas abordagens sejam úteis em seu próprio contexto, nós as resumimos e destilamos a fim de construir sobre o caso de que um uso equilibrado e centrado da estrutura teórica pode apoiar a abordagem qualitativa. Nosso projeto se baseia nos argumentos de que a epistemologia e o rigor metodológico são essenciais, acrescentando a noção de que a influência da teoria permeia quase todos os aspectos do estudo - mesmo que o autor não reconheça essa influência. Compiladores de abordagens metodológicas referem-se ao uso da teoria como análogo a um guarda-roupa no qual diferentes itens podem ser alojados ou uma lente através da qual a literatura e os dados do estudo são vistos. Neste artigo, oferecemos um quadrante avaliativo para determinar o uso apropriado da teoria na pesquisa qualitativa e um diagrama do projeto qualitativo que aponta para o papel central de um referencial teórico. Também alertamos contra o excesso de confiança na teoria, caso comece a limitar a capacidade de ver descobertas emergentes nos dados. oferecemos um quadrante avaliativo para determinar o uso apropriado da teoria na pesquisa qualitativa e um diagrama do projeto qualitativo que aponta para o papel central de uma estrutura teórica. Também alertamos contra o excesso de confiança na teoria, caso comece a limitar a capacidade de ver descobertas emergentes nos dados.

### Palavras-chave

teoria crítica, descrição interpretativa, avaliação qualitativa, meta-análise / síntese qualitativa, métodos de investigação qualitativa O que

já é conhecido? examine o trabalho anterior sobre a estrutura conceitual,

Entre as definições amplamente difundidas para uma estrutura teórica, nós as destilamos para significar uma explicação de como as coisas funcionam. A fonte, o tamanho e o poder dessas explicações variam, mas todas elas remetem a uma tentativa de compreender alguns fenômenos. Conforme descrito por Anfara e Mertz (2015), os estudiosos têm perspectivas variadas sobre o uso de referenciais teóricos na pesquisa qualitativa. O artigo a seguir se esforça para resumir e apresentar variações no uso e na compreensão. Atualmente, o uso da teoria em abordagens qualitativas incluiu

(1) esclarecimento das disposições epistemológicas, (2) identificação da lógica por trás das escolhas metodológicas, (3) construção de teoria como resultado dos resultados da pesquisa e (4) um guia ou estrutura para o estudo. Além disso, disposições metodológicas sobre a simbiose reflexiva com a teoria e outras partes de um estudo são

incluídas para preparar o terreno para focar no referencial teórico.

considere a epistemologia e a seleção da teoria, casos e codificação e, a seguir, apresente ferramentas para implementar a teoria na pesquisa. Este artigo baseia-se nas noções existentes do uso da teoria na pesquisa qualitativa que enfatizaram principalmente a teoria na compreensão da metodologia e das disposições epistemológicas, defendendo um uso mais claro de uma estrutura teórica. Sintetizamos a literatura anterior para avançar a ideia de que um forte arcabouço teórico pode permitir ao pesquisador revelar interpretações as predisposições existentes sobre um estudo e auxiliar na codificação e interpretação dos dados. Essa modesta proposta é contrabalançada pelo reconhecimento de que a dependência excessiva de uma teoria pode produzir outros tipos de problemas.

O que este artigo adiciona? Autor correspondente:

Este projeto explora o papel da teoria na pesquisa qualitativa e apresenta uma visão geral das diferentes abordagens da teoria. Nós

Christopher S. Collins, Azusa Pacific University, PO Box 7000, Azusa, CA 91702, EUA.

Email: ccollins@apu.edu

Creative Commons Não Comercial CC BY-NC: Este artigo é distribuído sob os termos da Licença Creative Commons Atribuição-Não Comercial 4.0 (<http://www.creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/>) que permite o uso não comercial uso, reprodução e distribuição da obra sem permissão adicional, desde que a obra original seja atribuída conforme especificado nas páginas SAGE e de acesso aberto (<https://us.sagepub.com/en-us/nam/open-access-at-sage> )

metodologia e destacar como o referencial teórico pode ser parte integrante do processo qualitativo (Figura 2).

A primeira parte do artigo fornece um pano de fundo, apresentando um breve panorama da produção de conhecimento, da reflexividade e do uso da teoria na pesquisa qualitativa. Seções sobre estrutura conceitual confusa, epistemologia e codificação são usadas para destacar várias partes do processo de pesquisa que podem ser entrelaçadas com a estrutura teórica. As duas últimas seções oferecem algumas maneiras concretas de visualizar o papel potencialmente central da teoria, bem como alguns cuidados em torno das limitações do excesso de confiança na teoria.

## Introdução

O objetivo deste artigo é examinar e promover o papel da teoria como um dispositivo na caixa de ferramentas qualitativa - uma premissa reconhecidamente pragmática. Revisamos as várias maneiras pelas quais a teoria tem sido considerada nas publicações de metodologia qualitativa e destacamos as maneiras pelas quais um papel central para a teoria pode ser útil para um estudo. Nossa perspectiva de desenvolvimento é mais útil para aqueles que podem não ter considerado totalmente o valor da teoria. **Apresentamos a teoria como simbiótica com nossas ações e disposições.** Cada seção deste artigo trabalha para esclarecer modestamente o papel da teoria, evitando a percepção de uma ortodoxia metodológica em torno da ferramenta.

Teoria, estruturas teóricas, teoria do método e estruturas conceituais são termos que têm linhas confusas na literatura de métodos qualitativos e sofrem ou se beneficiam de diferenças de nuances generalizadas. Em geral, uma teoria é uma grande ideia que organiza muitas outras ideias com um alto grau de poder explicativo. **A teoria do método (ou metodologia) fornece orientação para compreender quais métodos realmente ajudarão a responder às perguntas da pesquisa. Uma estrutura conceitual é vagamente definida e funciona melhor como um mapa de como toda a literatura funciona em conjunto em um estudo específico.** Um referencial teórico é o uso de uma teoria (ou teorias) em um estudo que simultaneamente transmite os valores mais profundos do (s) pesquisador (es) e fornece uma indicação ou lente claramente articulada de como o estudo processará novos conhecimentos. Um referencial teórico é vantagens de uma abordagem centrada na teoria para a pesquisa qualitativa, ao mesmo tempo que considera as críticas e desvantagens do excesso de confiança em uma teoria.

## Teoria e Produção de Conhecimento

Existem debates em todas as disciplinas sobre a criação e uso da teoria e

<sup>2</sup> *Jornal Internacional de Métodos Qualitativos* o grau em que partir de dados (indução) ou com uma hipótese (dedução) são mais úteis para a produção de conhecimento (cf. Hanson, 1958; Peirce, 1935). Considere uma ciência que confia mais na indução a partir de dados do que na geração de uma hipótese. Um potencial afastamento da dedução levou Hanson (1958) a usar a física para destacar a complexidade da gerando uma hipótese como gravidade universal ou aceleração, mesmo na ausência de evidências. O papel essencial de formular dedutivamente essas ideias de Galileu e Newton foi importante no processo de produção do conhecimento. Este exemplo histórico comovente foi usado para destacar a importância do equilíbrio entre o papel da teoria e da hipótese e começar com os dados. Passando das ciências naturais às ciências sociais e à pesquisa qualitativa, reconhecemos e levamos em consideração as discussões avançadas sobre como a teoria pode ser gerada. Por exemplo, Timmermans e Tavory (2012) baseiam-se em Peirce (1935) e Hanson (1958) para ir além de um binário indutivo / dedutivo para considerar a abdução na teoria fundamentada, a fim de aumentar a capacidade potencial da pesquisa para levar a teorias inovadoras. A abdução é o processo criativo de geração de novas teorias baseadas em "evidências de pesquisa surpreendentes", o que acaba levando o pesquisador para longe de ideias antigas para novos insights codificados em teoria (Timmermans & Tavory, 2012, p. 170).

Mesmo na teoria fundamentada tradicional, há um "envolvimento relutante da teoria" e o uso de defensores do sequestro para evitar essa hesitação:

A abdução, portanto, depende da posição cultivada do pesquisador. A disposição de perceber o mundo e suas surpresas - inclusive a própria reflexão sobre as posições de cada um nesse mundo - se baseia tanto na biografia do pesquisador quanto na afinidade e familiaridade com

no intersecção de:

- 1 conhecimento existente e ideias previamente formadas sobre fenômenos complexos, campos teóricos mais amplos. A análise abdução, conseqüentemente, depende em grande parte do escopo e sofisticação da base teórica que um pesquisador traz para a pesquisa. Observações inesperadas e surpreendentes são estratégicas no sentido de que dependem de um
- 2 as disposições epistemológicas do pesquisador, e uma 3 lente e uma abordagem metodicamente analítica observador teoricamente sensibilizado que reconhece sua relevância potencial. (Timmermans & Tavory, 2012, p. 173)

Trabalhar com esses três componentes torna a teoria uma ferramenta valiosa para a coerência e a profundidade de um estudo.

Embora possa haver casos em que a natureza exploratória de um

estudo anula os benefícios de uma estrutura teórica, não existe pesquisa livre de teoria (Lincoln & Guba, 1994). Um pesquisador que não consegue articular uma estrutura teórica pode não ter feito o trabalho difícil e essencial para desenterrar seus princípios operacionais mais profundos e preconceitos sobre seu estudo. A crença de que não existem noções preconcebidas ou impactam um estudo é, na verdade, uma disposição teórica. Este artigo mapeia o

O caminho que leva de volta à posicionalidade é a rede que captura a combinação de epistemologia, ontologia e metodologia,

que Guba (1990) chama de paradigma ou arcabouço interpretativo, ou seja, um conjunto de crenças fundamentais que orientam a ação. Denzin e Lincoln (2011) oferecem as conexões mais abrangentes entre paradigma / teoria, critérios, forma de teoria e método ou tipo de narração correspondente (esse arranjo se baseia em trabalhos anteriores de Guba & Lincoln, 1994). Um paradigma é um conceito inclusivo que captura a incorporação da teoria e a necessidade de reflexividade nos pesquisadores.

Collins e Stockton 3

## Reflexividade e Personificação

direitos." Construindo a partir daí, Kincheloe, McLaren e Steinberg (2011) definem um crítico como

alguém que usa pesquisa ou

teoria com crítica social / cultural e aceita pressupostos básicos. A teoria pode viver dentro de nós e emergir de nossas experiências vividas, movendo-se "dos lábios para as ruas" (Zita, 1998, p. 207). Ressoamos com a seguinte expressão de gratidão por hooks (1991) para aqueles criadores de teoria que se arriscaram a explorar e revelar experiências vividas dolorosas:

ções, Incluindo:

- Todas as relações de pensamento e poder são social e historicamente constituídas.

Agradeço as muitas mulheres e homens que se atrevem a criar teoria a partir do local da dor e da luta, que corajosamente expõem as feridas para nos dar a sua experiência para ensinar e guiar, como meio de traçar novos caminhos teóricos. Seu trabalho é libertador. (p. 11)

Seja uma teoria do senso comum, uma teoria científica ou uma teoria da conspiração, as teorias tentam explicar os fenômenos de forma lógica e significativa, muitas vezes seguindo estruturas narrativas e, dessa forma, "teorias são histórias" (Goodson, 2010, p. 11). Portanto, o uso de referenciais teóricos deve buscar fornecer fatos não podem ser separados de valores ou ideologia. A relação entre conceito e objeto ou significante e significado não é fixa e é compreendida por meio das condições criadas

## Collins Stockton

Meu sistema operacional está enraizado no Construção Social da Realidade (Berger & Luckmann, 1966). A noção de que hábitos tornam-se rotinas e de que rotinas tornam-se conhecimentos legitimados é um componente essencial de uma realidade socialmente construída. O auge da legitimidade é a existência como realidade aceita. Definições concorrentes de realidade devem ser incorporadas por meio da assimilação ou eliminadas por meio da aniquilação. O ato de aniquilar é uma ação de violência embutida na dinâmica do poder, opressão, dominação e desigualdade. Como tal, a reprodução social da realidade é uma força poderosa. Como sistemas, processos, definições e identidades são socialmente construídos, é importante entender como eles podem ser desconstruídos.

Eu me identifico como um homem hétero branco. A singularidade de

na produção e no consumo capitalistas.

Domínio e privilégio existem no serviço para beneficiar alguns grupos enquanto subordina outros.

As principais práticas de pesquisa estão frequentemente implicadas na reprodução de classe, raça, gênero e opressão. (parafraseado das seções na página 164)

oportunidades para os estudiosos "descobrirem suas próprias vozes, juntamente com os recursos intelectuais para construir teorias que buscam emancipar, ao invés de controlar" (Georges, 2005, p. 55). Existe uma relação intrincada entre subjetividade do pesquisador (crenças e interpretações sobre o mundo) e reflexividade (capacidade de ver, conhecer e contemplar subjetividades; Bott, 2010). Para examinar o papel da teoria, também sabemos que nossa capacidade de nos envolver em um metaexame é filtrada por nossas próprias crenças sobre o mundo.

As complexas camadas de domínio em minha identidade e meu papel como pesquisador formam um ponto de vista dentro de minha teia de realidade. Esta é a pedra angular da minha busca crítica por estruturas sociais que reproduzam o poder e minem a equidade. Qualquer método que eu uso para desemaranhar essa teia não pode ser separado de minha visão da realidade - tornando assim ontologia, epistemologia e teoria inextricavelmente ligadas "de maneiras que moldam a tarefa do pesquisador" (Kincheloe, McLaren, & Steinberg, 2011, p. 170).

gênero, atração sexual e raça carrega um enorme peso de força ontológica. Por causa do poder da normatividade, eu constantemente mantenho minha própria existência em tensão com a compreensão do mundo por meio de perspectivas críticas. Desse modo, minha compreensão da realidade e minha existência dentro dessa realidade nunca serão fixas ou estáveis. Minha própria supremacia é semelhante a um vírus que sofre mutação para sobreviver, e minha capacidade de participar de uma ciência social crítica requer uma atenção constante à minha inclinação natural para defender o domínio (Collins & Jun, 2017). Eu concordo com o sentimento de Denzin e Lincoln (2011, p. 11): "Queremos uma ciência social comprometida com questões de justiça social, equidade, não violência, paz e humanidade universal. Como Collins, opio a partir da crença de que a realidade e a interpretação de nossas experiências no mundo são construídas socialmente e que a dinâmica do poder deve ser uma consideração significativa na produção e

preservação do conhecimento. Portanto, uma análise de minha experiência corporificada no mundo e do poder que ela me dá ou não é essencial para avaliar as maneiras pelas quais eu abordo a criação de conhecimento e a busca de compreensão. Nessa visão, “a fronteira entre mim como pesquisador / teórico e eu como um ser humano corporificado” (Davies, 2000, p. 16) é rompida. Minhas experiências como uma mulher branca heterossexual me levaram a explorar as teorias feministas e feministas porque minhas experiências vividas como mulher não foram historicamente representadas e refletidas em grande parte da produção histórica e atual de conhecimento.

Eu abraço a natureza emancipatória do feminismo em sua defesa da

para identidades interseccionais, inclusão dos homens no trabalho e a importância da espiritualidade.

Em um volume editado, Luttrell (2010) escreveu que “a pesquisa não é um processo linear - ela é dinâmica, se desdobra ao longo do tempo e depende de fatores múltiplos e às vezes imprevisíveis” (p. 10). Nesse mesmo volume, Luttrell tem uma seção inteira sobre exercícios de redação reflexiva projetada para ajudar a tornar o pensamento dos pesquisadores mais visível. Por meio desses exercícios, nós, como co-autores, fomos lembrados da busca inalcançável de acertar, mas que nossos esforços podem aproximar um pouco nossa vida intelectual, nossas ações e a busca pela justiça.

## Uma Visão Geral do Uso da Teoria na Pesquisa Qualitativa

Uma teoria, de acordo com Saldaña e Omasta (2018), destila a pesquisa em uma afirmação sobre “a vida social que mantém aplicações transferíveis para outros ambientes, contextos, populações e, possivelmente, períodos de tempo” (p. 257). Essas “grandes verdades” têm quatro propriedades e uma narrativa explicativa: (1) prediz e controla a ação por meio de uma lógica se-então, (2) explica a variação, (3) explica como e por que algo acontece por meio da causalidade, e (4) fornece insights para melhorar a vida social (Saldaña & Omasta, 2018, p. 257). Existem pelo menos três aplicações principais da teoria na pesquisa qualitativa: (1) teoria do paradigma e método de pesquisa (Glesne, 2011), (2) construção de teoria como resultado da coleta de dados (Jaccard & Jacoby, 2010), e (3) a teoria como uma estrutura para orientar o estudo (Anfara & Mertz, 2015). A diferenciação e o esclarecimento entre essas aplicações ajudarão a desenvolver ainda mais o uso da teoria; esta seção cobre uma ampla visão geral de uma variedade de abordagens da literatura de pesquisa qualitativa generalista. A variedade de abordagens apresentadas aqui serve como informação de base para uma discussão contínua com o objetivo de obter clareza e algumas novas considerações para pesquisadores qualitativos.

As discussões teóricas na pesquisa qualitativa estão relacionadas às teorias que fundamentam uma abordagem metodológica (por exemplo, fenomenologia, etnografia, narrativa) ou aos paradigmas epistemológicos que norteiam um estudo (por exemplo, pós-positivista, construtivista, crítica). Compreender as teorias que influenciam as decisões metodológicas e epistemológicas de um estudo é fundamental, mas pode haver espaço para mais esclarecimentos entre o uso de teorias do método e o referencial teórico. A exposição de Glesne (2011) de estruturas filosóficas, considerações metodológicas e teóricas associados é útil para desempacotar as várias camadas que entram em uma estrutura teórica (cf. figura

1.1 e tabela 1.1 nas páginas 7 e 8). “Sua tarefa”, escreveu Glesne aos pesquisadores, “é descobrir por si mesmo onde você está

igualdade entre mulheres e homens e celebre os sacrifícios feitos por muitos para garantir que as histórias das mulheres sejam nutridas, enfatizadas e validadas. Mais recentemente, entretanto, minha crescente compreensão da ênfase histórica na branquitude na tradição feminista me levou a explorar a teoria do feminismo. Ao cunhar o termo mulherista, Walker (1983) escreveu que “mulherista está para o feminista como o roxo está para a alface” (p. Xii), indicando a necessidade de uma teoria mais inclusiva. O feminismo centrou as vozes das mulheres afro-americanas, fornecendo uma lente para eu interrogar a mentalidade do domínio branco que vive dentro de mim por meio de seus olhares

4 *Jornal Internacional de Métodos Qualitativos Filosófica e Politicamente ao Fazer Pesquisas*” (p. 16). Essa abordagem conecta principalmente o conceito de referencial teórico à epistemologia do pesquisador.

Certas abordagens metodológicas qualitativas pedem explicitamente a construção de uma teoria a partir dos resultados do estudo (por exemplo, teoria fundamentada), mas estudos qualitativos que utilizam qualquer escolha metodológica pode resultar na construção da teoria (Maxwell, 2013). Saldaña (2015) desafiou a noção de que a construção de teoria deve ser o tipo primário de pensamento teórico na pesquisa qualitativa e instou os pesquisadores a considerarem a utilização de estruturas de teóricos notáveis para orientar os estudos qualitativos. Outros estudiosos têm articulado a presença inextricável da teoria no processo de obtenção do conhecimento, descrevendo os fatos como carregados de teoria (Lincoln & Guba, 1994) e observando a influência de uma lente teórica para chegar a afirmações de observação (Flinders & Mills, 1993).

Em nossa experiência de ensino de pesquisa qualitativa em um programa de doutorado e apresentação em conferências, observamos hesitação, confusão e evitação em usar a teoria como pedra angular para tornar explícitas as suposições implícitas. Em uma revisão de estudos publicados na área da saúde, Green (2014) observou que as abordagens existentes não conseguem explicitar as teorias que orientam a construção de suas pesquisas e a interpretação dos dados. Alguns pesquisadores generalistas da pesquisa qualitativa recomendaram a inclusão de arcabouços conceituais ou teóricos para articular essas teorias (Maxwell, 2013; Ravitch & Riggan, 2017).

Maxwell (2013) definiu um arcabouço conceitual como uma teoria provisória sobre os fenômenos em estudo que informa a totalidade do desenho do estudo, observando que “isso também pode ser chamado de 'arcabouço teórico' ou 'contexto da ideia' para o estudo” (p. 39). O uso dessa teoria auxilia o pesquisador a refinar objetivos, desenvolver questões de pesquisa, discernir escolhas metodológicas, identificar ameaças potenciais à validade e demonstrar a relevância da pesquisa. A fonte primária da estrutura conceitual, de sua perspectiva, não precisa ser necessariamente uma teoria existente. Quatro fontes primárias são opções a partir das quais se pode derivar uma estrutura conceitual: (1) conhecimento baseado na experiência, (2) teoria existente, (3) pesquisa exploratória e (4) “experimentos mentais” (p. 44). Maxwell argumentou que o uso da teoria existente tem vantagens potenciais, bem como desvantagens, e descreveu as vantagens utilizando duas metáforas: a teoria como um guarda-roupa ou um holofote. Uma teoria de alto nível, como um guarda-roupa, pode fornecer uma estrutura por meio da qual organizar e conectar dados. Uma teoria também pode lançar luz sobre observações e dados que podem ser negligenciados ou mal interpretados com o Holofote de uma teoria existente. Duas maneiras pelas quais os pesquisadores falham em usar a teoria existente de forma eficaz são, de acordo com Maxwell, ser excessivamente dependente ou não crítico da teoria ou deixar de usá-la o suficiente.

Merriam (2009) afirmou que toda pesquisa possui um arcabouço

teórico explícito ou implícito, mesmo em meio a uma abordagem indutiva. Merriam recomendou duas maneiras de identificar um referencial teórico que ela chamou de "estrutura, andaime ou moldura" (p. 66) para o estudo. Em primeiro lugar, os pesquisadores devem examinar sua orientação disciplinar (por exemplo, educação, psicologia, sociologia) e, em segundo lugar, a literatura relacionada ao seu estudo informará a identificação de

Merriam afirmou que cada parte de um estudo é informada por uma estrutura teórica e descreveu a relação entre o problema de pesquisa na estrutura como um "conjunto de estruturas interligadas" (p. 68).

Anfara e Mertz (2015) abordaram o tema dos referenciais teóricos na pesquisa qualitativa de forma bastante abrangente em seu trabalho recente. Eles identificaram três entendimentos primários da teoria na pesquisa qualitativa: (1) a teoria não é importante na pesquisa qualitativa, (2) a teoria apenas informa epistemologias e metodologias e (3) a teoria é "mais difundida e influente" (p. 11) do que metodologia por si só e deve orientar muitas das escolhas do pesquisador em um estudo qualitativo. Os referenciais teóricos são definidos, de acordo com Anfara e Mertz, como "qualquer teoria empírica ou quase empírica de processos sociais / e / ou psicológicos, em uma variedade de níveis (por exemplo, grande, médio, explicativo), que pode ser aplicada ao compreensão dos fenômenos" (p. 15). Este texto apresenta 10 exemplos de estudos que utilizam referenciais teóricos para guiar a pesquisa, desde o pensamento feminista negro de Patricia Hill Collins até a teoria de campo de Bourdieu. Os referenciais teóricos fornecem quatro dimensões de insight para a pesquisa qualitativa que incluem: (1) fornecer foco e organização ao estudo, (2) expor e obstruir o significado, (3) conectar o estudo a bolsas e termos existentes e (4) identificar pontos fortes e fraquezas.

Wolcott (1995) fez uma distinção entre a noção abstrata da teoria do uso na pesquisa qualitativa e a prática do uso da teoria no trabalho de campo. Consequentemente, a teoria oferece cinco benefícios práticos que incluem (1) a conveniência de rótulos, (2) perspectiva mais ampla quando um estudo é modesto em escopo, (3) conexão com um corpo maior de dados que aborda questões de generalização, (4) um perspectiva crítica e (5) refutação, fornecendo casos negativos (Wolcott, 1995). Como foi demonstrado acima, os pesquisadores divergem em suas visões de como a teoria deve ser incorporada na pesquisa qualitativa. Embora os pesquisadores possam estar familiarizados com muitas dessas visões divergentes, nosso objetivo aqui é apresentar alguns dos metodologistas mais prolíficos e suas noções correspondentes para tornar claras as várias âncoras no espectro.

## A Confundida Estrutura Conceitual

A estrutura conceitual e a estrutura teórica são frequentemente combinadas por estudantes e pesquisadores novatos. Esse equívoco pode ocorrer porque pesquisadores estabelecidos têm perspectivas variadas sobre como funcionam os componentes conceituais ou teóricos. Em nossa experiência de obtenção de doutorados e ensino em cursos de métodos em nível de doutorado, temos testemunhado divergências. Em uma apresentação recente na Conferência Internacional de Métodos Qualitativos, o corpo docente também relatou confusão e desacordo dentro de seus departamentos nas áreas de saúde e educação. Um de nossos pesquisadores qualitativos favoritos faz uma

abordagem confusa. A recomendação de examinar o contexto disciplinar do problema de pesquisa resulta em um caso mais forte para o uso de teorias existentes; no entanto, Merriam também inclui o uso de conceitos, termos, definições e modelos em uma estrutura teórica. Consistente com a afirmação de Maxwell,

Collins e Stockton 5

abordagem confusa. Maxwell (2013) começa articulando

que a estrutura conceitual inclui "os sistemas de conceitos, suposições, expectativas, crenças e teorias que apóiam e informam sua pesquisa" (p. 39). Então, Maxwell (2013) confunde, ou mesmo confunde, os termos conceituais e teóricos, dizendo: "Eu uso o termo em um sentido mais amplo, para me referir às ideias e crenças reais que você mantém sobre os estudos de fenômenos, sejam eles escritos para baixo ou não; isso também pode ser chamado de 'arcabouço teórico' ou 'contexto de ideia' para o estudo" (p. 39). Da mesma forma, Merriam e Tisdell (2016) adicionaram:

Ainda outro ponto de confusão é que os termos estrutura teórica e estrutura conceitual são frequentemente usados indistintamente na literatura. Preferimos um arcabouço teórico porque um arcabouço teórico parece um pouco mais amplo e inclui termos, conceitos, modelos, pensamentos e ideias, bem como referências a teorias específicas; além disso, as estruturas conceituais são frequentemente encontradas no capítulo ou seção de metodologia de um estudo quantitativo em que os conceitos e como devem ser operacionalizados e medidos são apresentados. (p. 84)

A preferência por um termo sobre o outro não ajuda na clareza.

Considere uma ideia mais ampla sobre a teoria como "redes de conceitos interligados que facilitam a organização do material empírico, fornecendo estruturas interpretativas explícitas que os pesquisadores usam para tornar seus dados inteligíveis e justificar suas escolhas e decisões metodológicas" (Bendassolli, 2014, p. 166). Esse entendimento está mais próximo da apresentação mais coesa de uma estrutura conceitual em toda a literatura metodológica que revisamos. A estrutura conceitual "Deve mostrar como ela [a escritora] está estudando um caso em um fenômeno maior. Ao vincular as questões de pesquisa específicas aos construtos teóricos mais amplos ou a questões políticas importantes, o escritor mostra que as particularidades deste estudo servem para iluminar questões maiores e, portanto, possuem significado potencial para esse campo" (Marshall & Rossman, 2011, p. 7) Talvez a melhor maneira de exibir uma estrutura conceitual seja projetar uma imagem visual ou um mapa de como as ideias existentes na literatura funcionam juntas.

Vários estudiosos fizeram um trabalho extenso sobre conceitos, temas e dados de diagramas, que são boas fontes para aprimorar a habilidade de mapeamento de conceitos (Albarn & Smith, 1977; Attridge Stirling, 2001). Destilar parâmetros para a estrutura conceitual da literatura é um esforço tanto na simplicidade quanto na distinção. A literatura que mostra a estrutura conceitual como um mapa de como a pesquisa anterior e a literatura trabalham juntas para dar forma a um projeto de pesquisa oferece a melhor oportunidade de aumentar a compreensão do papel distinto da teoria. Ao aproveitar uma abordagem mais específica e simples da estrutura conceitual, acreditamos que a força e a centralidade da estrutura teórica se tornam mais claras. Além da rede de conceitos da literatura, estão os construtos norteadores da epistemologia e da teoria.

## Epistemologia e Seleção de Teoria

afetar o empírico ,

produção de conhecimento. Os métodos qualitativos trazem clareza às maneiras como essas disposições influenciam o papel do pesquisador. Merriam e Tisdell (2016) escreveram: “Embora seja bom explorar suas ideias sobre a natureza do conhecimento e sua construção (epistemologia). . . isso é discutido com mais frequência na seção sobre metodologia ”(p. 84) porque as teorias da epistemologia não são o mesmo que uma estrutura teórica para um estudo. A epistemologia então influencia a seleção da teoria, e o grau em que as duas podem trabalhar juntas na abordagem analítica dos dados depende de conexões explícitas. Todo estudo de pesquisa é “informado por uma teoria de nível superior, embora os pesquisadores às vezes não estejam cientes dessas teorias porque elas estão embutidas em seus pressupostos sobre a natureza da realidade e do conhecimento” (Glesne, 2011, p. 5).

Por causa da extensão do pensamento orientado para a iluminação, do método científico e das crenças positivistas inerentes aos métodos estatísticos, às vezes há necessidade de terapia quantitativa para compreender as habilidades e vantagens da pesquisa qualitativa. Chamamos isso de terapia quantitativa porque é um processo de confrontar uma mentalidade fixa em torno da criação de conhecimento onde o positivismo relacionado aos métodos quantitativos ocupou um espaço mental concreto. Abordar os pressupostos metodológicos da normatividade não é apenas um primeiro passo importante, mas uma maneira importante de melhorar a abordagem do pesquisador às observações naturalísticas. Guba e Lincoln (1994) esboçam o carga teórica dos fatos explicando que as técnicas convencionais afirmam confirmar ou falsificar uma hipótese em um estudo, adotando uma abordagem objetiva e independente da teoria para a busca de fatos. A suposição subjacente à abordagem convencional é considerada "duvidosa" porque fatos e teorias são interdependente, o que significa que os fatos só podem ser observados pelas lentes de um referencial teórico, minando assim a noção de objetividade (Guba & Lincoln, 1994, p. 107). Em outras palavras, a abordagem convencional exigiu especialização e pré compreensão, mas depois exige que o pesquisador siga essa experiência com uma folha em branco ao pesquisar dados. Essa abordagem pode acabar deixando os pesquisadores sentindo ou agindo com personalidades divididas em vez de personalidades duais, onde eles são capazes de equilibrar as nuances da pesquisa para "usar sua pré-compreensão, mas não são seus escravos" (Gummesson, 1988,

p. 65). Essa ideia funciona em conjunto com a advertência de Maxwell (2013) de que “Existem duas maneiras principais pelas quais os pesquisadores qualitativos muitas vezes deixam de fazer bom uso da teoria existente: não a usando o suficiente e usando-a de maneira muito acrílica e exclusiva” (p. 53).

Em uma exibição brilhante de reflexividade, o estudo de Bott (2010) sobre dançarinas de dança e trabalhadores migrantes escavou a divisão entre representação pessoal e profissional. Uma conclusão primária do estudo está relacionada ao papel em que o contexto molda a epistemologia e as maneiras pelas quais classe, raça, etnia e gênero desempenham um papel no contexto. Bott termina o artigo dizendo que o projeto mostrou "como a 'alteridade' da subjetividade do pesquisador pelos sujeitos da pesquisa e como nós, como pesquisadores, nos sentimos sobre essas apropriações frequentemente 'alteradas', bem como nossas próprias reações intelectuais a elas, podem

preocupações epistemológicas e éticas da pesquisa ”(p. 172). A conclusão e o ponto são sobre vincular epistemologia e pesquisa (para uma discussão completa sobre o tópico de vinculação, ver Doucet & Mauthner, 2002). Em essência, a epistemologia desempenha um papel na seleção da teoria, tornando as duas mutuamente interdependentes. O papel central da teoria torna-se mais claro quando a interdependência mútua entre a epistemologia e a seleção da teoria é tornada explícita. Então, a influência na seleção de um caso e uma estrutura para análise flui naturalmente.

## Casos e codificação

Existem muitas maneiras pelas quais uma teoria pode influenciar a abordagem metodológica e os limites de um estudo e, posteriormente, a abordagem analítica. Por exemplo, o estudo de caso é uma das abordagens mais flexíveis da pesquisa qualitativa. Depois que os limites de um caso são definidos, as técnicas são tão amplas que alguns pesquisadores consideram a abordagem indefinida - a menos que haja um referencial teórico:

O valor da teoria é fundamental. Embora os estudos de caso possam começar (em algumas situações) apenas com a teoria rudimentar ou uma estrutura primitiva, eles precisam desenvolver estruturas teóricas no final que informam e enriquecem os dados e fornecem não apenas uma noção da singularidade do caso, mas também o que é de relevância e interesse mais gerais. (Hartley, 1994, p. 210)

Descrições ricas e densas são a base do trabalho qualitativo, mas em um caso altamente contextualizado, se não houver uma estrutura forte, os detalhes podem se transformar em uma história que é difícil de transferir para outros ambientes. Além disso, uma vez que os dados são coletados e estão prontos para serem analisados, os esquemas de organização são frequentemente representados com algum senso renovado de objetivismo mágico, falando sobre codificação mecanicista e o uso de software.

As teorias dão sentido a fenômenos e interações sociais difíceis, e articular uma estrutura teórica ajuda o processo de construção de sentido a ser mais explícito. Desse modo, “as estruturas teóricas dependem do subjetivismo metafísico em que a verdade depende de crenças e é relativa a situações e entre culturas” (Howell, 2013, p. 23). Veja, por exemplo, o exercício intelectual aprofundado executado por Jackson e Mazzei (2012). Os autores examinaram como o ciclo de colocar a teoria em dados em teoria pode produzir novos significados. Usando um estudo convencional baseado em entrevistas, os autores envolveram seis referenciais teóricos pós-estruturais: Derrida (pensar com desconstrução), Spivak (pensar com marginalidade), Foucault (pensar com poder / conhecimento), Butler (pensar com performatividade), Deleuze (pensar com desejo) e Barad (pensando com intra-ação). À medida que o pesquisador e o método se fundem, a centralização do referencial teórico torna-se mais clara. A prática de aplicar e conectar diferentes estruturas em um projeto também revela diferentes papéis do self pesquisador. A reflexão sobre o exercício é profunda:

Não apenas lemos os dados com Derrida, Spivak, Foucault, Butler, Deleuze e Barad olhando por cima do ombro, mas também lemos com cada um de nós olhando por cima do ombro do outro. . . enquanto o que nos propusemos a realizar foi pensar com a teoria, como nos constituímos nesse processo de pensamento não foi totalmente previsto ou esperado. O que surgiu como resultado de pensar com vários teóricos e seus conceitos através dos dados não foi apenas exaustivo no sentido de fatigante, foi exaustivo porque fomos constantemente puxados de volta para o limiar, para os dados, para um novo pensamento. Começamos a pensar e realizar a análise de dados de maneira diferente porque, uma vez no limiar, não havia saída. (Jackson & Mazzei, 2012, p. 138)

Esta reflexão retrata um profundo exercício intelectual que evidencia ainda mais a influência de um referencial teórico. Quando se trata de codificação e análise, as conexões entre o arcabouço teórico precisam ser explícitas. Uma maneira de fazer isso é listar códigos predeterminados na seção de análise dos métodos e esclarecer para o leitor como esses códigos foram gerados como uma estratégia analítica dedutiva. Isso tornará a estratégia indutiva ainda mais poderosa. Merriam e Tisdell esclareceram: “O sentido que fazemos dos dados que coletamos é igualmente influenciado pela estrutura teórica. Ou seja, nossa análise e interpretação - as descobertas de nosso estudo - refletirão os construtos, conceitos, linguagem, modelos e teorias que estruturaram o estudo em primeiro lugar” (2016, p. 88). A busca pelo achado inesperado como parte da estratégia indutiva também está relacionada ao referencial teórico:

Em vez de ser um conjunto monolítico e monológico de ideias, a teoria surge do diálogo entre um teórico e teorias, contextos, problemas, cotheorists anteriores e assim por diante, e uma teoria se desenvolve através de processos de teste e experimentação (diálogo com a pesquisa) e de aplicação prática à medida que os teóricos aplicam e refletem sobre a teoria (diálogo com a prática) e à medida que suscitam e respondem à crítica (diálogo dentro de uma comunidade de acadêmicos). (Rule & John, 2015, p. 2).

O diálogo se estende entre o quadro teórico, a seleção de caso, a estratégia dedutiva e indutiva e “o engajamento dialógico entre a teoria e o estudo de caso envolve o rico potencial de formação mútua e tensão geradora” (Rule & John, 2015, p. 10).

## Avaliando e Marcando o Papel Central da Teoria

Nesta seção, passamos a fazer algumas aplicações do material anterior e a oferecer alguns modelos simples para promover o pensamento e a discussão sobre o tema. Existe alguma tensão natural e dialógica entre vários aspectos de um estudo qualitativo e, certamente, entre o método e a teoria. A fim de gerar alguns exercícios intelectuais em torno dessa tensão, escavamos nossos próprios projetos e experiências de pesquisa, bem como refletimos sobre as lutas que testemunhamos em contextos de pesquisa educacional que usam métodos qualitativos.

Quando bem realizado, um compromisso total com métodos rigorosos e uma estrutura teórica pode criar uma espécie de

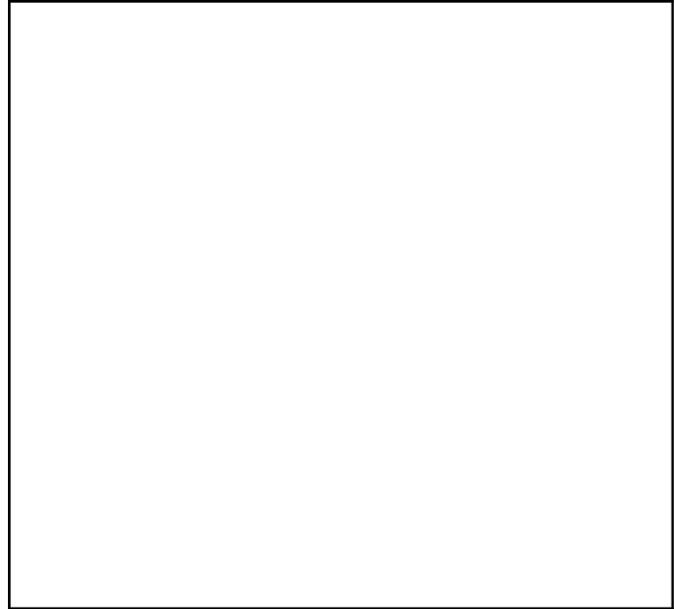


Figura 1. Um quadrante teoria / método.

tensão que produz descobertas valiosas. Um desequilíbrio entre os dois resultará em mais responsabilidades ou pontos fracos no estudo. Na Figura 1, oferecemos um quadrante avaliativo para destacar a importância do método e da teoria. A título de exemplo, afirmamos que um baixo comprometimento com a teoria e o método (Relatório Mensal) rende um produto simplista que carece de insights e é potencialmente irrelevante ou nem mesmo considerado produção de conhecimento. Um alto enfoque na teoria e um baixo enfoque no método (Novella) podem soar mais como um ensaio e não criar a união adequada entre os dados originais e uma estrutura para análise. Por outro lado, a atenção excessiva ao método sem um grande foco na teoria (impotência) pode sofrer de uma ênfase exagerada na técnica. Este quadrante representa o maior passivo para a maioria das pesquisas qualitativas.

A Figura 1 descreve o método como muito sistemático e não reconhece totalmente alguns dos componentes indutivos dos métodos. Nem a teoria nem o método são inerentemente indutivos. No entanto, surge a confusão sobre o lugar da teoria na pesquisa qualitativa por causa da crença de que é inerentemente indutiva. De acordo com Merriam e Tisdell (2016),

O argumento poderia ser feito, no entanto, que a maioria das pesquisas qualitativas inerentemente molda ou modifica a teoria existente em que (1) os dados são analisados e interpretados à luz dos conceitos de uma orientação teórica particular, e (2) os resultados de um estudo são quase sempre discutidos em relação aos conhecimentos existentes (alguns deles teóricos) com o objetivo de demonstrar como o presente estudo contribuiu para a ampliação da base de conhecimento. (p. 89)

O objetivo do quadrante é destacar os pontos de ancoragem do método e da teoria para que o equilíbrio de ambos se reforce mutuamente na busca maior do conhecimento.

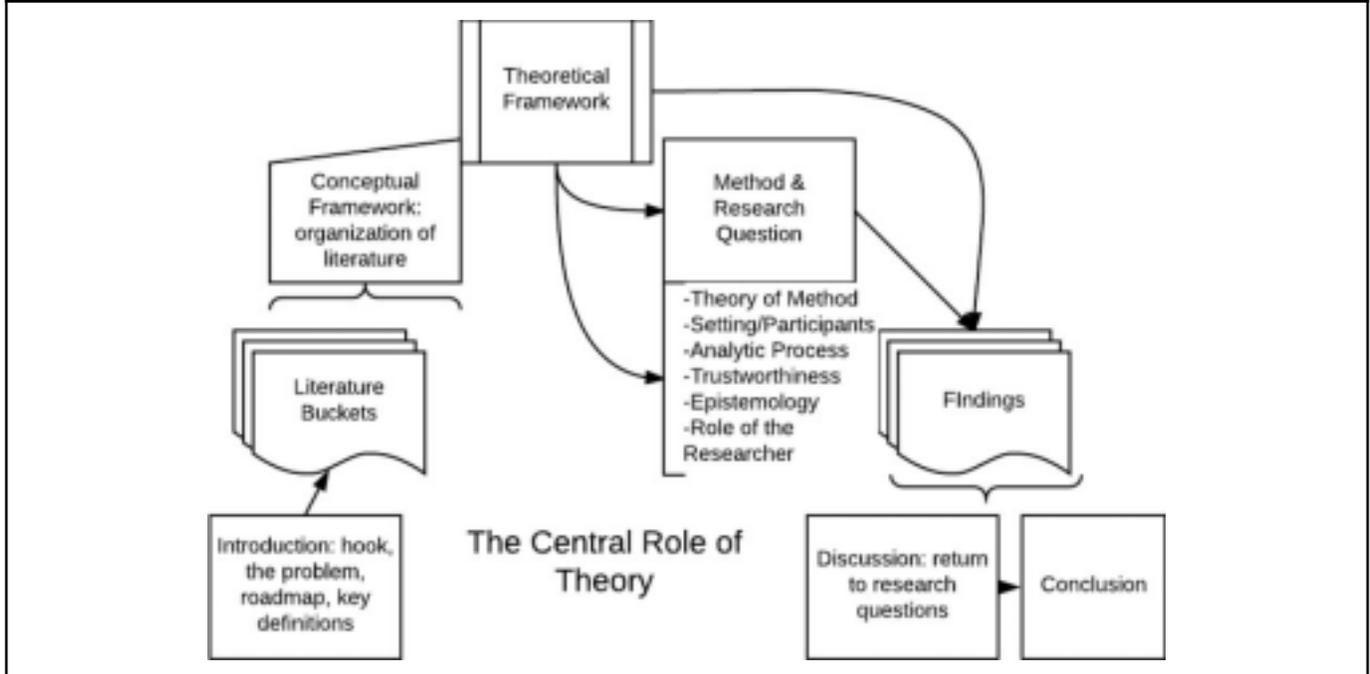


Figura 2. O processo qualitativo.

Além do equilíbrio conceitual, é essencial reconhecer a influência da teoria em vários aspectos de um estudo. Ravitch e Carl (2016) defenderam que “Você deve considerar os papéis que a teoria existente, ou formal, desempenha no desenvolvimento de suas questões de pesquisa e os objetivos de seus estudos, bem como em todo o processo de concepção e engajamento em sua pesquisa” (P. 46). Para explicar esse processo, a Figura 2 destaca algumas das áreas específicas onde o arcabouço teórico deve ser parte integrante do processo qualitativo.

O trabalho acadêmico tradicional começa com um problema e gera uma base de literatura tanto para substanciar o problema quanto para registrar o que já foi dito sobre ele. A partir daí, defendemos que a literatura pode e deve ser organizada lógica e visualmente em uma estrutura conceitual. Esta imagem demonstra as maneiras pelas quais a literatura cobre ou deixa espaço disponível para explorar certas questões. A partir daí, o referencial teórico pode ser um fulcro e parte auge de um estudo qualitativo. A Figura 2 inclui setas apontando do referencial teórico para o método e questões de pesquisa, com atenção especial para o processo analítico (onde a teoria pode influenciar códigos pré determinados), confiabilidade (a abordagem dedutiva deve incluir uma busca por casos negativos ou discrepantes em relação ao teoria), epistemologia, e o papel do pesquisador (como a seleção da teoria indica algo que o leitor precisa saber sobre o pesquisador?). Há também uma flecha do referencial teórico para os achados devido à influência da abordagem analítica, que também alimenta a discussão.

Existem inúmeras maneiras de construir e projetar um trabalho qualitativo, mas nosso objetivo aqui é encorajar links diretos

entre o referencial teórico e muitos aspectos da concepção do projeto de pesquisa. Quando essas ligações se tornarem explícitas, o poder explicativo e a legitimidade da pesquisa qualitativa continuarão a crescer.

## Limitações e Conclusão

Avaliar o rigor ou a qualidade da pesquisa é conflitante e controverso. Existem vários conceitos e estratégias que são usados para sinalizar o rigor; no entanto, sinalizar na ausência de transparência e detalhes pode criar outros problemas para a compreensão das capacidades de produção de conhecimento da pesquisa qualitativa. Por exemplo, termos como saturação e triangulação acumularam a percepção de ter peso científico, mas uma revisão crítica desses termos mostra que o uso acrítico se torna um sinal impróprio e genérico sobre a qualidade (Kincheloe et al., 2011; O'Reilly & Parker, 2013).

Existem armadilhas e limitações que ocorrem naturalmente para centralizar o papel da teoria em um projeto de pesquisa. É mais fácil articular as armadilhas porque um desequilíbrio de qualquer coisa (mesmo bom) pode se tornar um obstáculo. Considere o papel do colesterol na saúde, ele é bom e ruim, ou considere a afirmação de Wolcott (1995) de que:

Teoria é algo como exercício físico ou ingestão de vitamina C: algumas pessoas ficam viciadas nisso, até em excesso; outros dão-lhe o mínimo de atenção consciente possível; ninguém pode passar sem ele inteiramente. Isso leva a uma redefinição que ao mesmo tempo eleva uma teoria formal ao que chamo de 'T' Teoria 'maiuscula, ou Grande Teoria, e deixa vários outros termos mais modestos em escopo - hipóteses, ideias, suposições, palpites, noções - que também capturam a essência do trabalho mental que é fundamental para o trabalho de campo. Como um ideal, a Grande Teoria

Collins e Stockton 9

está claramente no auge. A Grande Teoria nos oferece o meio definitivo de transcender os limites inerentes aos nossos modestos esforços individuais. (p. 183)

Naturalmente, um excesso de confiança na teoria pode impedir que a relevância e a importância dos dados sejam divulgados. Isso é, no entanto, um risco para a pesquisa, não uma limitação da teoria

centralizadora. As variações da pesquisa qualitativa são enormes e “a teoria aborda a questão da criação de sentido. Isso nos impede de sermos pegos na prestação de contas desprezadas como diários de viagem ou diários pessoais” (Wolcott, 1995, p. 184). A escolha de centralizar uma teoria específica traz o risco de se tornar míope. O excesso de confiança em uma teoria também pode produzir uma tendência para ou a percepção de viés de confirmação. A centralização equilibrada da teoria produz o oposto. Reconhecer e centrar uma teoria auxilia na identificação de pressupostos e conexões com disposições epistemológicas, o que por sua vez permite ao pesquisador buscar metodicamente negações do que foi pressuposto ou do que foi previsto. Maxwell (2013) descreve isso como a busca por casos negativos ou discrepantes. Construída na abordagem sistemática para encontrar conhecimento está a busca por dados que vão contra a corrente das concepções existentes.

Além disso, Flyvbjerg (2011) aponta para o poder explicativo da negação, significando que refutar uma teoria é um poderoso ato de produção de conhecimento. Wolcott (1995) acrescenta que:

A teoria oferece uma maneira útil de aproveitar o poder da refutação. Nunca podemos 'provar' nada por meio de esforços de pesquisa qualitativa. Podemos, no entanto, refutar ideias fornecendo exemplos negativos. A teoria nos permite fazer melhor uso desse poder, convidando-nos a olhar para classes de eventos, em vez de apenas instâncias isoladas. (p. 189)

A existência e o papel central da teoria devem estar presentes a fim de aproveitar o poder da refutação. A desvantagem, no entanto, está em evitar o trabalho pesado para projetar um estudo que equilibre todos os elementos do estudo.

Além das responsabilidades do pesquisador, que ainda apontam para os pontos fortes da teoria centralizadora, há outras limitações a serem consideradas. Em nossa opinião, a limitação mais saliente é o valor fundamental da exploração. Na verdade, mesmo um estudo com uma teoria centralizada pode ser altamente exploratório, mas o tipo de exploração projetado para a teoria fundamentada e vários tipos de etnografia pode ser mais adequado para ser mais desequilibrado a partir de um forte arcabouço teórico. Qualquer aplicação rígida e dogmática de um referencial teórico nesses projetos pode surgir como uma limitação real do estudo. A questão, nesses casos, é: como os pesquisadores podem ser explícitos e abertos sobre seu papel e disposição e, ao mesmo tempo, manter uma abertura característica da exploração? Esta é uma tarefa difícil de realizar e que requer mais trabalho para o campo dos métodos qualitativos. A questão de agrupamento é frequentemente interpretado como significando extrair a visão do pesquisador dos dados. Achamos esta tarefa impossível e também uma interpretação errônea de colchetes. Em vez da extração, acreditamos que a força do agrupamento está no reconhecimento do papel do pesquisador e em distinguir as palavras e perspectivas dos participantes das interpretações de suas palavras. Na verdade, mesmo esse esforço é impossível porque o pesquisador é quem formulou a questão.

Flyvbjerg, B. (2011). Estudo de caso. Em NK Denzin e YS Lincoln (Eds.), *O manual Sage de pesquisa qualitativa* (pp. 301–316). Thousand Oaks, CA: Sage.

Georges, JM (2005). Vinculando teoria e prática de enfermagem: A abordagem feminista crítica. *Advances in Nursing Science*, 28, 50–57.

Glesne, C. (2011). *Tornando-se pesquisadores qualitativos: uma introdução*.

Um empregador em potencial conduzindo uma entrevista com um funcionário em potencial costuma perguntar: "Qual é a sua maior fraqueza?" Os candidatos, de alguma forma, encontram uma maneira de responder à pergunta com um conteúdo que aponta para seus pontos fortes. O mesmo é verdade ao examinar as limitações da centralização do papel da teoria - elas apontam, em última instância, não apenas para os pontos fortes, mas também para o potencial de aprimorar não apenas um projeto qualitativo, mas também o ofício em geral.

## Declaração de conflito de interesses

O (s) autor (es) não declararam (em) nenhum potencial conflito de interesse com relação à pesquisa, autoria e / ou publicação deste artigo.

## Financiamento

O (s) autor (es) divulgaram o recebimento do seguinte apoio financeiro para a pesquisa, autoria e / ou publicação deste artigo: Os autores receberam apoio financeiro para a publicação deste artigo do Conselho de Pesquisa da Faculdade da Azusa Pacific University.

## Referências

- Albarn, K., & Smith, JM (1977). *Diagrama: O instrumento de pensei*. Londres, Inglaterra: Thames and Hudson.
- Anfara, VA, & Mertz, NT (2015). *Referências teóricas em pesquisa qualitativa* (2ª ed.). Thousand Oaks, CA: Sage.
- Attride Stirling, J. (2001). Redes temáticas: uma ferramenta analítica para pesquisa qualitativa. *Pesquisa Qualitativa*, 1, 385–405.
- Bendassolli, PF (2014). Reconsiderando a ingenuidade teórica em psy pesquisa qualitativa ecológica. *Informação em Ciências Sociais*, 53, 163. doi: 10.1177 / 0539018413517181
- Berger, PL, & Luckmann, T. (1966). *A construção social de realidade: um tratado de sociologia do conhecimento*. New York, NY: Random House.
- Bott, E. (2010). Favoritos e outros: reflexividade e a formação de subjetividades e dados em pesquisas qualitativas. *Pesquisa Qualitativa*, 10, 159–173.
- Collins, CS e Jun, A. (2017). *Branco fora: entendendo o branco privilégio e domínio na era moderna*. New York, NY: Peter Lang.
- Davies, B. (2000). *Um corpo de escrita: 1990–1999*. Walnut Creek, CA: Altamira Press.
- Denzin, NK, & Lincoln, YS (2011). *Introdução: A disciplina e prática da pesquisa qualitativa*. Em NK Denzin & YS Lincoln (Eds.), *O manual Sage de pesquisa qualitativa* (pp. 1–20). Thousand Oaks, CA: Sage.
- Doucet, A., & Mauthner, NS (2002). *Saber com responsabilidade: vinculando ética, prática de pesquisa e epistemologia*. Em T. Miller, M. Mauthner, M. Birch e J. Jessop (Eds.), *Ética em Pesquisa Qualitativa*. Londres: Sage.
- Flinders, DJ e Mills, GE (1993). *Teoria e conceitos em qual pesquisa tativa: Perspectivas do campo*. New York, NY: Teachers College.
- 10 *Jornal Internacional de Métodos Qualitativos*  
Boston, MA: Pearson.
- Goodson, P. (2010). *Teoria em pesquisa e prática em promoção da saúde tice: Pensando fora da caixa*. Sudbury, MA: Jones & Bartlett Learning.
- Green, H. (2014). *Uso de quadros teóricos e conceituais em pesquisa qualitativa*. *Enfermeira Pesquisadora*, 21, 34–38.
- Guba, EG (1990). *O diálogo do paradigma*. Londres: Sage.
- Guba, EG, & Lincoln, YS (1994). *Paradigmas concorrentes em qua*

- pesquisa litativa. Em NK Denzin & YS Lincoln (Eds.), Manual de pesquisa qualitativa ( pp. 105-117). Londres, Inglaterra: Sage.
- Gummesson, E. (1988). Métodos qualitativos na pesquisa em administração. Lund, Noruega: Studentlitteratur, Chartwell-Bratt. Jaccard, J., & Jacoby, J. (2010). Construção e modelo da teoria  
Construindo Habilidades: Um Guia Prático para Cientistas Sociais. Nova York: Publicações Guilford.
- Hanson, NR (1958). Padrões de descoberta: uma investigação sobre o fundamentos conceituais da ciência. New York, NY: Cambridge University Press.
- Hartley, JF (1994). Estudos de caso em pesquisa organizacional. Em C. Cassell & G. Symon (Eds.), Métodos qualitativos em pesquisa organizacional: um guia prático ( pp. 209–229). Londres, Inglaterra: Sage.
- ganchos, b. (1991). Teoria como prática libertadora. Yale Journal of Law e Feminismo, 4, 1-12. Obtido em <http://digitalcommons.law.yale.edu/yjlf/vol4/iss1/2>
- Howell, KH (2013). Uma introdução à filosofia da metodologia ogy. Los Angeles, CA: Sage.
- Jackson, AY e Mazzei, LA (2012). Pensando com teoria em pesquisa qualitativa: visualização de dados em múltiplas perspectivas. Nova York, NY: Routledge.
- Kincheloe, JL, McLaren, P., & Steinberg, SR (2011). Crítico pedagogia e pesquisa qualitativa: movendo-se para a bricolagem. No NK Denzin & YS Lincoln (Eds.), O manual Sage de pesquisa qualitativa ( pp. 163–178). Thousand Oaks, CA: Sage. Luttrell, W. (Ed.). (2010). Pesquisa educacional qualitativa: leituras em metodologia reflexiva e prática transformativa. Nova York, NY: Routledge.
- Marshall, C., & Rossman, GB (2011). Projeto qualitativo pesquisar. Los Angeles, CA: Sage. Maxwell, JA (2013). Projeto de pesquisa qualitativa: um interativo  
abordagem. Los Angeles, CA: Sage. Merriam, SB (2009). Pesquisa qualitativa: um guia para projetar e  
implementação. São Francisco, CA: Jossey-Bass. Merriam, SB e Tisdell, EJ (2016). Pesquisa qualitativa: um guia  
para concepção e implementação. São Francisco, CA: Jossey-Bass.
- O'Reilly, M., & Parker, N. (2013). 'Saturação insatisfatória': A exploração crítica da noção de tamanhos de amostra saturados na pesquisa qualitativa. Pesquisa Qualitativa, 13, 190–197.
- Peirce, CS (1935). Papéis coletados de lixadeiras de Charles Peirce. No C. Hartshorne & P. Weiss (Eds.), Metafísica Científica, Vol. 6 Cambridge, MA: Harvard University Press. Ravitch, SM e Carl, NM (2016). Pesquisa qualitativa: Bridging  
o conceitual, teórico e metodológico. Los Angeles, CA: Sage.
- Ravitch, SM e Riggan, M. (2017). Razão e rigor: como o conceito estruturas reais orientam a pesquisa. Los Angeles, CA: Sage. Rule, P., & John, VM (2015). Um diálogo necessário: Teoria em caso pesquisa de estudo. International Journal of Qualitative Methods, 14, 1-11. doi: 10.1177 / 1609406915611575 Saldaña, J. (2015). Pensando qualitativamente: Métodos mentais. Los Angeles, CA: Sage.
- Saldaña, J., & Omasta, M. (2018). Pesquisa qualitativa: analisando vida. Los Angeles: Sage.
- Timmermans, S., & Tavory, I. (2012). A construção da teoria em qual pesquisa tativa: da teoria fundamentada à análise abductiva. Teoria Sociológica, 30, 167–186. Walker, A. (1983). Em busca dos jardins de nossas mães. NewYork, NY:  
Estrada aberta.
- Wolcott, HF (1995). A arte do trabalho de campo. Walnut Creek, CA: Alta Mira Press.
- Zita, J. (1998). Conversa corporal: reflexões filosóficas sobre sexo e gênero. New York, NY: Columbia University Press.